

A SABEDORIA

Dinorah d'Araújo Berbert de Castro¹

Recordando-nos de título geralmente dado às aulas inaugurais universitárias *Lectio sapientiae*, como a iniciar série de aulas em que mestres procuram ensinar a discípulos, julguei útil falar sobre a Sabedoria – que deve ser aspiração de todo universitário.

Para tanto, pincei lições a respeito da Sabedoria, através da Bíblia – o livro dos livros –, a linguagem dos símbolos – com propositada união do imaginário e inteligível, os provérbios – legado de conhecimentos e vivências populares – e, finalmente, os mais importantes conceitos dos filósofos, através dos tempos, claro que mui sinteticamente.

A BÍBLIA

Albat, que lamentava homens de leitura em poucos livros considerava apenas a Bíblia como suficiente fonte para o saber.

Possui ela, especificamente, os chamados “livros sapienciais” Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Eclesiástico e, por antonomásia, o Livro da Sabedoria, de 19 capítulos, em que emerge a figura de Salomão, o mais sábio dos homens, no dizer bíblico.

OS SÍMBOLOS

Referimo-nos aos símbolos. São eles sinais figurativos ou coisas alegoricamente usadas para ressaltar uma idéia, merecedora de especial estima. Reportamo-nos à antiguidade clássica, na figura de Minerva, na imagem da coruja – prodigiosa em visão nas trevas –, ao tempo em que nos reportamos à moderna simbologia do excelente saber.

OS PROVÉRBIOS

Os provérbios – legado de conhecimentos e vivências populares – e, finalmente, os mais importantes conceitos dos filósofos, através dos tempos – claro que mui sinteticamente.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Na história da Filosofia, narramos a lenda dos 7 sábios da Grécia, com a lição maior – “conhece-te, homem, a ti mesmo”. A sabedoria é a descoberta da verdade, e a verdade, por outro lado, consoante asseguravam antigamente os homens mais sábios, permanece oculta nos mais apartados recessos; é indubitável que é sobremaneira difícil alcançar a sabedoria. Por isso, não sem razão, é costume louvar-se a moderação de Pitágoras, que não quis que o apelidassem sábio, mas sim filósofo, porquanto o nome de filósofo significa “amador da sabedoria”. Graças ao seu prestígio sucedeu que, suprimindo-se o nome de sabedoria, o nome de filosofia entrasse na linguagem de todos e, a partir de então, à exceção de algum estulto presunçoso, não se encontraria fosse quem fosse que se arrogasse o nome de sábio. Pois, conforme diz Sócrates, citado por Platão, só Deus é sábio por natureza. Além disso, consoante ele dizia, a sabedoria humana revela-se através da moderação do espírito. Na verdade, entre os homens avanteja-se em sabedoria o que não ignora as trevas em que decorre a vida humana, e o que confessa com toda a franqueza que nada sabe. Por conseguinte, o que levou homens dotados de inteligência extraordinária a quererem despendar tamanho esforço e estudo

¹ Professora Dra. em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

com uma matéria tão difícil? Será que, à semelhança dos que se emocionam só com a fama de uma formosura sem par, assim também eles se abrasaram no desejo de uma sabedoria, cuja aparência real não podiam contemplar? Pelo que, se o nome e a imagem esboçada da sabedoria exerceu sobre eles tamanho poder que, por amor do seu estudo, desprezavam todos os prazeres e davam de mão a todas as comodidades da vida, que cumpre a nós fazer, que podemos colher os mais grados e eternos frutos da verdadeira sabedoria? Ora, o mesmo Sócrates nos mostra o caminho certo e reto da sabedoria. Com efeito, como antes referido, diz que só Deus é sábio por natureza.

Os sofistas Górgias, Protágoras, Eveno, Hípias, Trasímaco e os restantes – que na época de Sócrates se arrogavam uma sabedoria multiforme e em vários campos – asseguravam que estavam em condições de ensinar sem qualquer dificuldade não somente a doutrina da eloquência, como igualmente a da virtude e a da sabedoria. Afirmavam que não existia assunto algum, por mais complexo e profundo que fosse, que eles não pusessem em claro; nenhum, por envolto que estivesse nas maiores obscuridades, que eles não esclarecessem: com efeito, não abriam exceção para matéria alguma. Pois fosse qual fosse o assunto que era chamado à discussão, quer versasse sobre a investigação da natureza, quer sobre o regimento dos deveres morais, quer sobre a administração do Estado, quer sobre a arte do mando militar, quer sobre outro qualquer saber – jactavam-se de que seriam capazes de discorrer acerca dele de improviso, de tal maneira que, consoante diziam, em qualquer matéria, ninguém poderia exigir uma prova de sabedoria mais clara e mais esplendidamente demonstrada. Graças a esta ligeireza e ostentação tão desmedida e a tão grandiosas promessas atraíam para si a mocidade anelante de sabedoria. De feito, quem não teria vivos desejos de alcançar em breve prazo o conhecimento de todas as coisas (pois era isto o que os mestres prometiam) por um preço não demasiado elevado?

Natural que a Idade Média fosse citada, em ressaltando a figura de São Tomás, de que diz lendária referência, que, quando ouviu de Deus o elogio: “*Bene de me scripsisti, Thomas*”.... Na filosofia moderna, contentamo-nos em citar alguns pensadores maiores, Descartes, Kant, aludindo, de passagem, a mais contemporâneos idealistas ou positivistas etc.

Lembramos ser o homem “um ser e caminho”, ressaltando as duas vias em que intelectualmente procede: a da intuição (percepção imediata de uma coisa, mediante uma experiência pessoal) e da abstração, que é o ato pelo qual concebemos algo, deixando de lado peculiares aspectos, sempre com a impossível percepção direta do singular...

Os graus do conhecer foram diretamente esquematizados: físico – na apreensão das qualidades sensíveis, abstratas, consideradas em seus aspectos essenciais; o matemático, em que diretamente se lida com a quantidade; o metafísico, quando conseguimos aprofundar-nos no real, detectando-lhe as causas supremas e mais profundas – caminho e função específica do homem. Outrossim, lembramos as diferenças – a modo de julgada recordação de assunto já estudado – entre o conhecimento vulgar e científico, com o seguinte esquema, levando sempre em consideração as interferências de áreas.

Conhecimento Vulgar

Mais espontâneo
Aparentemente mais vasto
Menos relacionado
Menos metódico e organizado
Menos justificável
Mais preso ao “como”
Mais acessível a todos
Menos crítico
Mais fé – muito vale a autoridade
Mais mesclado de pré-julgamento
Menos interessado por leis, etc.

Conhecimento Científico

Mais reflexivo
Aparentemente menos vasto
Mais relacionado
Mais metódico e organizado
Mais justificável
Mais preso ao “porque”
Menos acessível a todos
Mais crítico
Menos crédulo – vale menos a autoridade
Menos mesclado de pré-julgamento
Predominantemente “positivo” hipóteses, causas, estruturas

Defendemos, sim, a tendência do homem para fazer metafísica, por forças naturais, sem que desprezamos, antes o sublimamos, o conhecimento gerado pela Fé.

Julgamos útil penetrar no campo da etimologia – tão rico para esclarecimentos —, aludindo às raízes gregas e latinas para a Sabedoria. Procuramos esclarecer os variados conceitos do termo “sabedoria”, no campo propriamente dito do saber e na sua aplicação à vida, mostrando a diversidade em considerá-lo. Parece-nos esclarecedor o que escreve Roque Craba, na Enciclopédia Logos, sob o título “Sabedoria”, resumindo-lhe a significação:

– do latim *sapere* (saborear, saber) e com significado algo diverso em diferentes culturas e épocas, sabedoria designa uma forma superior de conhecimento, caracterizado pelas seguintes notas (que as diferentes concepções acentuam diferentemente): ser último ou supremo, ser vital e influenciando na vida de quem o possui (ou seja, sendo também menos expressamente o conhecimento do ‘Absoluto’, de Deus), finalmente ser ordenado de todo o saber e de toda a atividade. *Sapientis est ordinare* ou, por outras palavras, ser “arquitetônico”. E cita Sto. Tomás.

O saber costuma ser expresso em diferentes modalidades. Desde a forma natural com que expressa, pura e simplesmente, o conhecimento em geral, até o grau maior a que pode chegar.

As principais palavras que primordialmente denotam o conhecer, quase como sinônimas, são, com o substantivo que as gerou:

a) em grego

<i>Gignosko</i>	<i>gnôsis</i> (mente)
<i>Epístamai</i>	<i>epistême</i> (saber, ser capaz, bem informado)
<i>Aisthánomai</i>	<i>aísthesis</i> (sentidos)
<i>Noéo</i>	<i>nóema</i> (pensar, meditar)
<i>Phronéo</i>	<i>phrónema, phrónesis</i> (pensar, sentir, ser prudente)
<i>Sophízo</i>	<i>sophía</i> (saber, ser hábil)
<i>Geúmai</i>	<i>geúma</i> (saborear, sabor)

b) em latim (mais importante para nossas considerações aqui).

<i>Gnosco e nosco</i>	cognosco, notio, notitia, cognitio, nomen (conhecer, saber)
<i>Scio, de scindo</i>	(separar, dividir), <i>scientia</i> – ciência
<i>Sapio</i>	<i>sapientia</i> , sabor, sabedoria
<i>Sentio, sententia</i>	sentir, perceber

Duas palavras: Sabedoria e Sapiência, por vezes, são empregadas indistintamente para expressar o mais elevado e perfeito conhecimento humano. Vezes, contudo, mantida uma relativa sinonímia, acentuam os autores “peculiares” diferenças, porquanto uns preferem apelar mais para o imediato étimo – nem sempre, na fonte, tão diverso... – com acentuarem mais um caráter de especial “vivência”, *sapor* ou “conhecimento”, *scientia*.

Por fim, lançamos um convite à juventude, para tender cada vez mais, aprofundar-se nas razões das coisas: *Sapere aude!*

Uma referência a conselhos práticos da sabedoria oriental nos fez mostrar à juventude ser possível penetrar no campo do saber, alcançando relativa sabedoria.

O soneto de Félix Arvers, *Les conquérants* – “Os conquistadores”, indica que, à medida que singram o mar, decobrem novos e convidativos céus...

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José Arraes de. **Vocabulário Latino, por famílias etimológicas**. Rio de Janeiro: Ed. Civ. Brasileira, 1944.
- ARISTÓTELES. Nicomaquea. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Aguilar Edición. 1967.
- _____. Constitución de Atenas In: _____. **Obras Completas**. Madrid Aguillar Edicion. 1967.
- BAILEY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1950.
- BÍBLIA SAGRADA. (Pontifício Instituto Bíblico de Roma).
- BONITZ, H. **Index aristotelicus**. 596. Berlim, 1870.
- BRANDÃO, Junito S. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega (DIMEG)**. Petrópolis: Vozes. 1991/1992.
- DESCARTES, R. **Principes de la philosophie**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- DIÓGENES, Laércio. **Vida dos filósofos mais ilustres**. Madrid: Aguilar, 1964.
- FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1979-81.
- FRAILE, Guillermo. Fr. **Historia de la Filosofia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1956.
- GARRIGOU-LAGRANGE. **Le sens commun et la philosophie de l'êtr**e. Paris: 1936.
- KLIMKE, Federico, S.J. **Historia de la Filosofía**. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1947.
- OSÓRIO, Jerônimo D. **Tratado da Verdadeira Sabedoria**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002. (Coleção Pensamento Português).
- PINHEIRO LIMA JUNIOR, Francisco. **Caça à definição**. (Tese de concurso), 1962.